

António Torres

Um autor em busca de si mesmo

■ Por vezes, um cenário idílico pode silenciar um escritor. António Torres, 81 anos, mudou-se da agitação de Copacabana para o interior do Rio de Janeiro, onde o silêncio deixava ouvir, pela manhã, o chilrear dos pássaros. Mas a sua pena não afinou pelo mesmo diapasão e tornou-se cada vez mais sonolenta. Um convite e um sonho, no entanto, levaram-no de novo ao teclado, no qual aplicou a sua habitual fé. O resultado desse regresso, que o ocupou durante vários anos, chega agora às livrarias portuguesas, depois da edição brasileira de 2021. Publicado pela Teodolito, *Querida Cidade* é uma história de êxodo, tão próxima da que o próprio escritor brasileiro experienciou e que abordou na sua "Trilogia Brasil", constituída pelos romances *Essa Terra*, *O Cachorro e o Lobo* e *Pelo Fundo da Agulha* [todos já lançados em Portugal pela Teodolito].

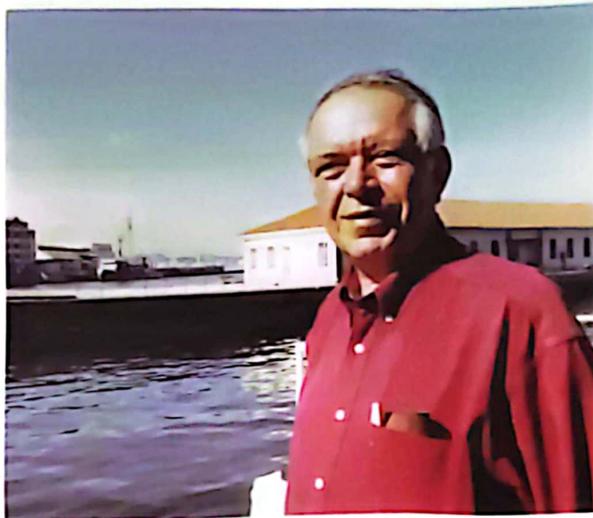
Nascido em Sátiro Dias, um pequeno município do Estado da Bahia, no Brasil, António Torres descobriu cedo o gosto pelas palavras. Vingou primeiro no jornalismo, na Bahia, depois em São Paulo e no Rio de Janeiro. Estreou-se, em 1972, com *Um Cão Uivando para a Lua*, iniciando um dos percursos mais celebrados da literatura brasileira, já distinguido com importantes prémios. Em 2013, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, onde ocupa a cadeira que tem como patrono José de Alencar, que já pertenceu a Jorge Amado.

Jornal de Letras: Querida Cidade marcou o seu regresso ao romance, 15 anos depois. O que ditou tão longo silêncio - e "este regresso"?

António Torres: O longo silêncio não se deveu à falta de água no pote ou de café no bule criativo. Começou por uma prosaica mudança de moradia: de um apartamento na emparedada Copacabana para uma casa em Petrópolis, na região serrana do Estado do Rio de Janeiro. E assim, diante da exuberância das montanhas e da sinfonia dos pássaros a me despertarem todo santo dia como se chilreassem as *BACHIANAS BRASILEIRAS* de Heitor Villa-Lobos ao embalo rítmico do Modern Jazz Quartet, a tal da inspiração escapava-me pela janela no rumo do infinito.

O que o retirou desse embalo rítmico?

Um projeto editorial luso-brasileiro, que acabou pondo ordem



António Torres "Profissão? Esperança"

O êxodo é um tema não só representativo de um país cujos grandes centros abrigam contingentes de emigrantes internos e externos, como da minha literatura

nas minhas fugídias ideias. Fui salvo da inação por um convite para participar do livro *Dicionário Amoroso da Língua Portuguesa*, idealizado pelo vosso Jorge Reis-Sá, que delegou a organização da edição brasileira a um jovem escritor carioca, Marcelo Moutinho, de quem fui estimulado a dicionarizar qualquer palavra que quisesse. Escolhi aquela que vale por um buquê de melodias, tão óbvia quanto desafiadora, ao exigir cuidados para que a última flor do Lácio não viesse a se sentir desonrada. Estamos a falar da Saudade. Sodade, mô bem, sodade. Tal tarefa iria mandar de volta para o meu teclado as palavras que, lépidas e fagueiras, haviam fugido para as montanhas. E aí bati dois versos do meu saudosíssimo amigo Alexandre O' Neill,

em "O Tejo Corre no Tejo", como epígrafe - "não és tu que em mim te vês, / sou eu que em ti me vejo" -, e me pus a navegar nas águas da *Querida Cidade*, o meu 12º romance, ufa, que viagem!

Diz numa nota final que o romance foi iniciado em 2009 e terminado em 2020. Foi um projeto que o acompanhou muitos anos? Teve dificuldade em terminá-lo ou em afastar-se dele?

A dificuldade maior foi exatamente a de dá-lo por terminado. Quando a editora brasileira (Record) me mandou as provas de *Querida Cidade* para revisão, em princípios de 2021, pus-me a reescrever páginas e páginas, e isso durante mais de um mês, chegando a pensar que o que eu queria mesmo era passar o resto da vida reescrevendo-o, sem a menor ansiedade de chegar ao ponto final, ao que finalmente cheguei, 12 anos depois de o haver iniciado, no maior *tour-de-force* a que um romance já me havia levado

O que impulsionou, se alguma coisa impulsionou concretamente o romance? Uma imagem, um personagem, um episódio, uma memória?

Um sonho, no qual eu me via no último andar de um edifício totalmente cercado de águas, sem saber onde estava e nem como iria sair dali. Foi essa imagem que impulsionou a história.

No romance reencontramos uma vida feita de êxodo, do abandono de uma pequena cidade onde se nasceu para ganhar a vida e a independência nos grandes centros. É um tema que o interessa pelos 'ecos' autobiográficos que possa ter? É um tema representativo de um certo Brasil?

Sim, é um tema não só representativo de um país cujos grandes centros abrigam contingentes de emigrantes internos e externos, como da minha literatura, da qual se tem destacado a "Trilogia Brasil", composta pelos romances *Essa Terra*, *O Cachorro e o Lobo* e *Pelo Fundo da Agulha*, muito bem publicados em Portugal pela Teodolito, desse imenso editor Carlos da Veiga Ferreira, salve ele!

Através de uma constante viagem entre passado e presente, o romance reconstitui a vida do narrador. O que lhe interessa no fluxo de consciência, no registo mais íntimo e fiel ao ato de recordar, mais desorganizado e associativo do que linear?

Levei muito tempo para entrar em *O Som e a Fúria*, de William Faulkner. Quando o consegui, não queria mais sair dele, tal a fascinação que os seus fluxos de consciência me causaram. Foi uma leitura que veio a dar-me régua e compasso.

Numa recente entrevista, no Brasil, disse que, por vezes, para um livro, é determinante ter "fé nas teclas". Que fé é essa? Tem a ver com o seu processo criativo? A expressão surgiu-me quando participei do Projeto Escritor Visitante da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde conduzia oficinas literárias, e passei a fazer minhas as angústias dos seus participantes em relação à página (ou tela) em branco. Ou seja, com "fé nas teclas" busco um adeus às inibições no ato de escrever.

Em 2022 assinalaram-se os seus 50 anos de percurso literário. Que denominador comum poderemos encontrar em tudo o que escreveu? Vê, na sua obra, um fio condutor?

Vejo personagens em busca de uma terra para chamar sua, e um autor em busca de si mesmo.

Os 15 anos de silêncio referidos no início foram só 'romancescos', não de escrita, nomeadamente na crónica. O que representa para si a crónica. E o que é que o romancista vai buscar ao cronista?

A crónica é tão praticada no Brasil que chega a parecer coisa nossa, como o samba e outras bossas. E isso desde Machado de Assis, com a que intitulou de "O nascimento da crónica", verdadeiramente antológica. E dele ao "Sabá da crónica", o Rubem Braga, que pertenceu a uma ge-

ração de cronistas memoráveis: Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Antônio Maria... Grandes cronistas também foram os ficcionistas, como Raquel de Queirós e Clarice Lispector. E o que dizer de Luís Fernando Veríssimo, João Ubaldo Ribeiro, Moacyr Scliar, Marina Colasanti, Ruy Castro, Ana Miranda? Sem esquecermos os mais novos, que seguem o propósito de contrabalançar as asperezas do noticiário da imprensa com algo mais palatável. Também escrevo crónicas, quando me pedem. Nem por isso me considero da estirpe dos aqui citados. Mas sim: em tudo que escrevo busco lenha para o fogo de um romance.

"Haver descoberto a palavra escrita na minha infância foi a minha maior conquista", escreve na autobiografia que publicou aqui no JL (n.º 1126, de 27 de novembro de 2013). A educação é a maior força de um país, incluindo o combate à pobreza? Sem dúvida. E acrescento: é uma porta para a inserção social. Quem o diz veio de um pobre mundo agrário e ágrafo, portanto sabe o que está a dizer.

Como viu, acompanhou e viveu a dramática situação política e social do Brasil, com o "bolsonarismo"? Até que ponto essa "desgraça" afetou também a cultura, a criação, e deixa cicatrizes - remediáveis ou irremediáveis?

O legado desse tempo de trevas - na cultura, ciência, educação, convivência - é assustador, com desdobramentos imprevisíveis, porque os ovos da serpente continuam a chocar.

E agora, nomeadamente após o "golpista" 8 de janeiro, quais as suas perspetivas e quais as suas expectativas? Que Brasil no futuro próximo?

A expectativa é a de que Lula venha a fazer um grande governo, capaz de recolocar o Brasil em seu processo civilizatório, reinserindo-o no concerto das nações, para calar definitivamente a sanha e a fúria dos ultradireitistas derrotados. No mais, sou um brasileiro. Profissão: esperança. JL



› Antônio Torres
QUERIDA CIDADE
Teodolito